Corpos deslocados em *mulheres alteradas*[*]

Thais Coelho[*]

RESUMO

Assumindo o corpo como ponto de encontro entre história, natureza, ciência e cultura, como um constructo mutante, passível de intervenções, engendrado em redes de poder e controle, produzido pela linguagem e dotado de significação nos encontramos presentificados no mundo. Nosso contexto "pós-moderno" se apresenta conflituoso e ambíguo pois se revela ao mesmo tempo repressor e libertador, estando a todo tempo a dizer de nós, de nosso corpo e de nossos comportamentos, determinando e representando nossa experiência como seres humanos. Assim, através dos aparatos midiáticos, discursos são veiculados e destinados à regulação do sujeito através de sua identificação ou não com determinadas verdades construídas, ou através de efeitos de verdade. Atendendo à lógica capitalista do mercado de consumo, a mídia contribui para uma visão de corpo como artefato sócio-econômico-cultural que, ao ser constantemente construído e reconstruído na discursividade, se concretiza. A partir de tais entendimentos localizamos a obra da cartunista argentina Maitena como oblematizadora da questão do corpo, pois retrata sua provisoriedade de forma satírica.

Palavras-chave: corpo, aparência, mídia, mulher.

ABSTRACT

Bodies Dislocated in *Mulheres Alteradas*

[*] Título inspirado no livro *Mulheres Alteradas*, de Maitena Burundarena.

[*] Integrante do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO).

Contato: thcoelho@brturbo.com.br

Assuming the body as point of meeting between history, nature, science and culture, as a mutable construct, passible of interventions, engendered in nets of power and control, produced through the language and endowed with signification, we find ourselves became presents in the world. Our "postmodern" context presents itself in a conflictive and ambiguous condition therefore it appears at the same time repressive and liberator, being all the time to tell us about our body and about our behaviors, determining and representing our experience as human beings. Thus, through the media apparatuses, discourses are circulated and destined for the regulation of the subject through its identification or not with determined truths constructed or through the "truth effects". Considering the capitalist logic of the consumption, the media contributes for a body vision as social, economic and cultural artifact materialized into the discursive process that constructed and reconstructed it constantly. From such comprehension we locate the work *Mulheres Alteradas* of the argentine cartoon designer Maitena as professional that questions the body issues, therefore she portraits its provisory condition into a satirical manner.

Key words: body, appearance, media, woman.

Inicio este artigo comentando seu título: *mulheres alteradas*. Inspirei-me nele para fazer emergir algumas questões presentes e reincidentes na realidade feminina - os cuidados com os corpos, as exigências com a aparência, o mercado de consumo da beleza, a interpelação de discursos midiáticos, enfim, alterações constantes que evidenciam a provisoriedade de nossos corpos.

Para desenvolver meus escritos, recorro ao campo de teorização e investigação denominado Estudos Culturais, que considera a cultura como totalidade da experiência vivida dos grupos sociais e como campo de luta entre esses grupos em torno da significação. Ao pontuar como dimensões centrais o conhecimento e a identidade, posiciona o corpo como questão central na cultura contemporânea.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 31), a análise cultural contemporânea argumenta que "o corpo é, ele próprio, um constructo cultural, social e histórico, plenamente investido de sentido e significação".

Mary Lucy Murray Del Priore (1994, p. 55) constata que graças às mutações pelas quais vem passando a história, refletidas na modificação de abordagens metodológicas e no surgimento de novos objetos no campo epistemológico, o corpo é legitimado como interlocutor da história, que, carente de linguagem, é, simultaneamente, o lugar do desejo e da dor.

Historicamente, pode-se encontrar o corpo tematizado como um elemento importante nos processos de produção, manutenção e transformação de identidades sociais e culturais, bem como, nos processos de diferenciação, hierarquização e desigualdade social, como asseveram Meyer e Soares (2004, p.9). Dessa forma, "O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade". (WOODWARD, 2000, p. 15)

Assim, as identidades sociais são construídas no interior da representação, através da cultura. Através das práticas de significação e dos sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionamo-nos como sujeitos, dando sentido à nossa experiência e àquilo que somos. A identidade, entendida como processo social discursivo, é vista como contingente, resultado, portanto, de uma fusão de diversos componentes de discursos políticos e culturais e de experiências singulares. É também relacional, marcada pela diferença, por meio de símbolos; é tanto simbólica quanto social e historicamente específica. (HALL, 1998).

Para Meyer e Soares (2004, p. 6), vivemos um tempo em que o corpo é exaustivamente falado, invadido, investigado e ressignificado, em que várias áreas do conhecimento têm interferido e redefinido as formas pelas quais vemos, conhecemos, falamos e nos relacionamos com aquilo que chamamos de 'nosso corpo'.

Nosso tempo, comandado por valores capitalistas, tem o consumo, principalmente de imagens cujo corpo é veículo, como a principal moeda das relações. (ROSA, 2003 p. 120). Instâncias econômicas se sustentam promovendo e comercializando representações de determinados corpos, instituídos como belos, jovens e saudáveis. Assim, vários segmentos de mercado têm-se estruturado a partir da produção do corpo humano, reconfigurando sua aparência, dissimulando suas 'deficiências', otimizando suas funções e aumentando sua longevidade.

Assumindo o corpo enquanto ponto de encontro entre história, natureza, ciência e cultura, constructo mutante, passível de intervenções, engendrado em redes de poder e controle, produzido pela linguagem e dotado de significação nos encontramos presentificados

no mundo, neste mundo conflituoso e ambíguo, onde os aparatos midiáticos estão a todo tempo a dizer de nós, de nosso corpo e de nossos comportamentos, determinando nossa experiência enquanto seres humanos.

Assim, para Fischer (1987, p. 60), "os meios de informação e comunicação constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais". Nesse processo, a mídia vem assumindo um papel relevante, junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura na produção de sentidos.

No universo cultural, a mídia produz saberes, através de pedagogias culturais, transmitindo atitudes e valores, reforçando modelos de conduta, modos de ser e de viver, nos posicionando socialmente. Em meio a tensões e conflitos estabelecidos pelas relações de poder, nos encontramos em um campo de luta e de prática de uma política de representação, onde se produz o que somos ou devemos ser, nossa identidade.

Através dos aparatos midiáticos, discursos são veiculados e destinados à regulação do sujeito através de sua identificação ou não com determinadas verdades construídas, ou, parafraseando Foucault, através de 'efeitos de verdade'. Atendendo à lógica capitalista do mercado de consumo, a mídia contribui para uma visão de corpo como artefato do mercado econômico-social-cultural (ANDRADE, 2003, p.110), que, ao ser constantemente construído e reconstruído nessas discursividades, adquire uma materialidade que é, ao mesmo tempo, um produto do poder que gera divisões sociais.

Também a falar do corpo, a problematizá-lo, retratando sua provisoriedade em nossa cultura de forma satírica, através do artefato cultural da charge, está a cartunista argentina Maitena , que com os cinco volumes do livro *Mulheres alteradas*, vem a discutir o comportamento feminino em relação à aparência e ao envelhecimento, ressignificando, assim, estas representações na sociedade pós-moderna.

A obra artística de Maitena é de grande visibilidade já que hoje é publicada em mais de 15 países. Percebe-se, assim, a inserção da chargista em um campo de crítica cultural nas diversas situações vulgares que envolvem o universo da mulher, em seu posicionamento estético, político e cultural. A partir de fragmentos da fala cotidiana, percebe-se em *Mulheres alteradas* a construção de um imaginário da mulher pautado pela formação de um discurso envolto pela problemática da aparência.



FIGURA 1

A cultura moderna é assombrada pela ideologia do presente, que regula o ser a sua condição estética. Como propõe Foucault (1987, p.126), "em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações". Ao comparar o sentimento da mulher em relação a seu corpo com determinados animais, Maitena reabre o espaço do questionamento da imagem da mulher que vive sob o domínio da aparência, no qual o desejo de inserção ao padrão estético em voga é atravessado pelas individualidades objetivas e subjetivas do gênero feminino.

> Na indústria do consumo, o corpo é guiado por diferentes princípios entre os quais está o progresso. Valorizam-se características da juventude, como disposição, saúde, liberdade e busca de emoção. Mudanças relacionadas ao envelhecimento são subjugadas,

> escondidas, plastificadas, tonificadas e revigoradas. (ROSA, 2003, p. 125).

Atualmente, a preocupação com a aparência gera a necessidade de investimentos, concernentes ao cuidado com o corpo, à saúde e ao lazer, bem como traduzidos em comportamentos que exigem disciplina e controle dos excessos. A indústria da beleza disponibiliza recursos para que cada corpo materialize o ideal difundido através dos meios de comunicação. Saber cuidar do corpo e mostrar tal capacidade figuram entre as 'leis' impostas pelo social, através de dietas, exercícios físicos, cirurgias plásticas, técnicas de relaxamento e inúmeros dispositivos para minimizar as 'imperfeições' e retardar o envelhecimento.

Nessa perspectiva, em que o corpo é visto como projeto, em que toda intervenção, transformação, reconfiguração é aceita e incentivada, somos constantemente envolvidos em processos de regulação e cuidado, que dizem da saúde que devemos ter, determinam a aparência que nossos corpos devem assumir e o grau de satisfação que podemos ter acerca de nossa imagem. O que se percebe é que prevalece um modelo estabelecido que busca homogeneizar os sujeitos, que apaga as singularidades do indivíduo pós-moderno, que interfere em sua subjetividade propondo padrões corporais e comportamentais.

Dessa forma, percebe-se a magreza identificada como atributo a ser perseguido incessantemente através de cuidados com o corpo, que, neste contexto, representa uma positividade do caráter. É o que evidencia a ilustração que segue.



FIGURA 2

Para Denise Sant'Anna (2000), na sociedade contemporânea, um mal-estar generalizado se introduz nos indivíduos quando a questão é a constatação de modificações

que se operam em seus corpos, mais especificamente quando se trata da passagem do tempo e da perda da saúde física. A aparência é vinculada à adoção de hábitos e condutas, responsabilizando as opções de cada um pelo seu sucesso ou fracasso no que concerne aos saberes do corpo. Assim, o autocontrole é fundamental para aplicar os dispositivos que possibilitarão uma padronização dos corpos e das condutas.

> Desde la televisión y las revistas, desde el cine y los afiches publicitarios en la vía pública, se muestra el cuerpo del 'joven modelo': ágil y esbelto, desinhibido, seguro de sí, con firmeza en sus carnes y en su actitud. (CHMIEL, 2000, p. 90).

Para a autora, os corpos aparentam a pessoa que se gostaria de ser, pois somente através de uma ênfase sobre si mesmo se tornaria possível a aceitação por parte do outro. Dessa forma, o corpo que apresenta características aceitáveis garante sua inclusão em determinado grupo social. Em alguns deles, para ser considerado jovem, o ano do nascimento não é importante, o que se considera é a forma como cada 'ator' atua, a adoção do disfarce e da máscara correta em cena. Assim, a juventude se converte em uma estratégia particular que ignora o tempo dos relógios: o passar dos anos pode ser esquecido pela simples magia do mercado.

É notório que o 'ser jovem' é, em nosso tempo, um valor positivo. Assim, como em outros momentos e lugares se respeitava a serenidade, a experiência e a sabedoria dos idosos, ou mesmo a seriedade de um adulto, hoje se propõe, como modelo de êxito, equilíbrio e saúde para distintos grupos etários, pautas que têm como referência a juventude.

Nas últimas décadas, os meios de comunicação de massa vêm fortalecendo sua presença na sociedade, reforçando a legitimação de padrões considerados mais ou menos desejáveis, aceitáveis, difundindo, enfim, modelos ideais de indivíduos. Dessa forma, a juventude torna-se uma estética em voga e quesito almejado de acordo com os referenciais midiáticos, que reveste de conotações positivas quem possuir tal 'atributo'.



FIGURA 3

Os canais informativos, junto à extensa rede de publicidade que envolve as sociedades, veiculam todo um conjunto de imagens que interagem na vida cotidiana, articulando um processo que toma características provenientes do mundo juvenil, tais como

padrões estéticos, estilos de vida, consumo, gostos e preferências, constituindo, assim, sinais emblemáticos de modernização, manifestando o temor das marcas que o tempo assinala nos corpos, produzindo significados através dessas mesmas marcas.

FREYRE, em artigo publicado pelo Jornal do Brasil, em 1972, já vislumbrava: "os menos jovens vêm ultimamente, entre os povos ocidentais, imitando os mais jovens". O jovem dita a moda, impõe padrões que constroem e legitimam uma cultura juvenil e o idoso adota-a, amalgamando-se às suas exigências. Paralelamente à elevação da média de vida, percebe-se a disseminação do uso de artifícios, como cosméticos, adornos, vestimentas, tratamentos estéticos e cirurgias plásticas, que permitem ao idoso parecer jovem, bem como, 'comportar-se juvenilmente'. E para transpor os limites biológicos, a medicina se faz presente através de procedimentos dedicados a proporcionar ao sujeito condições de saúde e vitalidade, buscando uma juvenilidade. Nesse contexto, para os mais velhos, ser jovem é parecer jovem.

> Hay que reconocer que la cultura de masas se ha venido caracterizando desde su origen por la apropiación y explotación de los valores específicos de los grupos de jóvenes – o, al menos, aquellos que se les han atribuido – hasta convertirlos en un estereotipo dominante y, a veces, hegemónico. En este sentido, cabe hablar, pues, de juvenilización de la cultura. (TORNERO, p.263, 1998)

O autor afirma que ser ou parecer ser jovem se mostra funcional em relação ao sistema industrial e consumista da indústria cultural, se tratando, então, de um mecanismo de contestação própria dos sistemas culturais hierarquizados como são os da indústria cultural, resultados da correspondência formal entre os valores que são funcionais à sociedade de consumo e a outros que resultam do estatuto dos jovens em nosso sistema social.

Com efeito, a sociedade de consumo, engendrada a partir da estabilização e manutenção de uma economia privada capitalista, impele o indivíduo ao consumo de infinitos produtos cujas quantidades postas em circulação no mercado se coadunam não só aos desejos criados nos consumidores, mas, sobretudo, aos seus produtores. Dessa maneira, a publicidade e a moda atuam como propulsoras do consumismo, uma vez que configuram um panorama imagético revestido de valores coletivos cuja associação a um imaginário social de novidade, celeridade, aceleração e visibilidade, são características típicas do consumismo.

A adoção de um sistema global de comunicação propicia, por conseguinte, a criação de culturas juvenis interconectadas a partir de determinados signos identitários. De forma que, especialmente na década de 50, com o surgimento de uma cultura juvenil que delimitou as distinções inerentes às gerações precedentes, houve uma exortação aos valores e estéticas culturais juvenis, entendidos como paradigmas a serem perseguidos dali por diante. Assim, o 'blue jeans' e o 'rock', segundo assevera Carrano (2004), passam a fazer parte de uma espécie de relicário de uma juventude cultural global, constituindo, igualmente, elos de identificação.

Afirma Bebiano (2004) que "a percepção do presente vive saturada de referências ao papel dos jovens e à valorização da própria idéia de juventude". Em outros tempos, aparentar ser mais velho indicava uma conduta modelar; hoje, parecer jovem "assegura um estatuto de notoriedade", através da valorização de características como ousadia, rapidez e entusiasmo.

Margulis e Urresti (2000, p.15) alertam para o emprego do termo 'juventude' como produto, aparecendo como valor simbólico associado a marcas apreciadas em nossa sociedade, principalmente em relação a padrões estéticos. Promove-se, assim, a comercialização de mercadorias, bens e serviços relacionados à aquisição desta juventude, atuando direta ou indiretamente sobre os discursos sociais que a identificam.

Dessa forma, vemos na sociedade contemporânea a banalização dos corpos, quando é possível construir a aparência desejada comprando os signos relacionados a ela. Ciência e tecnologia se unem no afã de elaborar novos procedimentos cirúrgicos e estéticos para permitir cada vez mais altos investimentos por parte dos sujeitos.

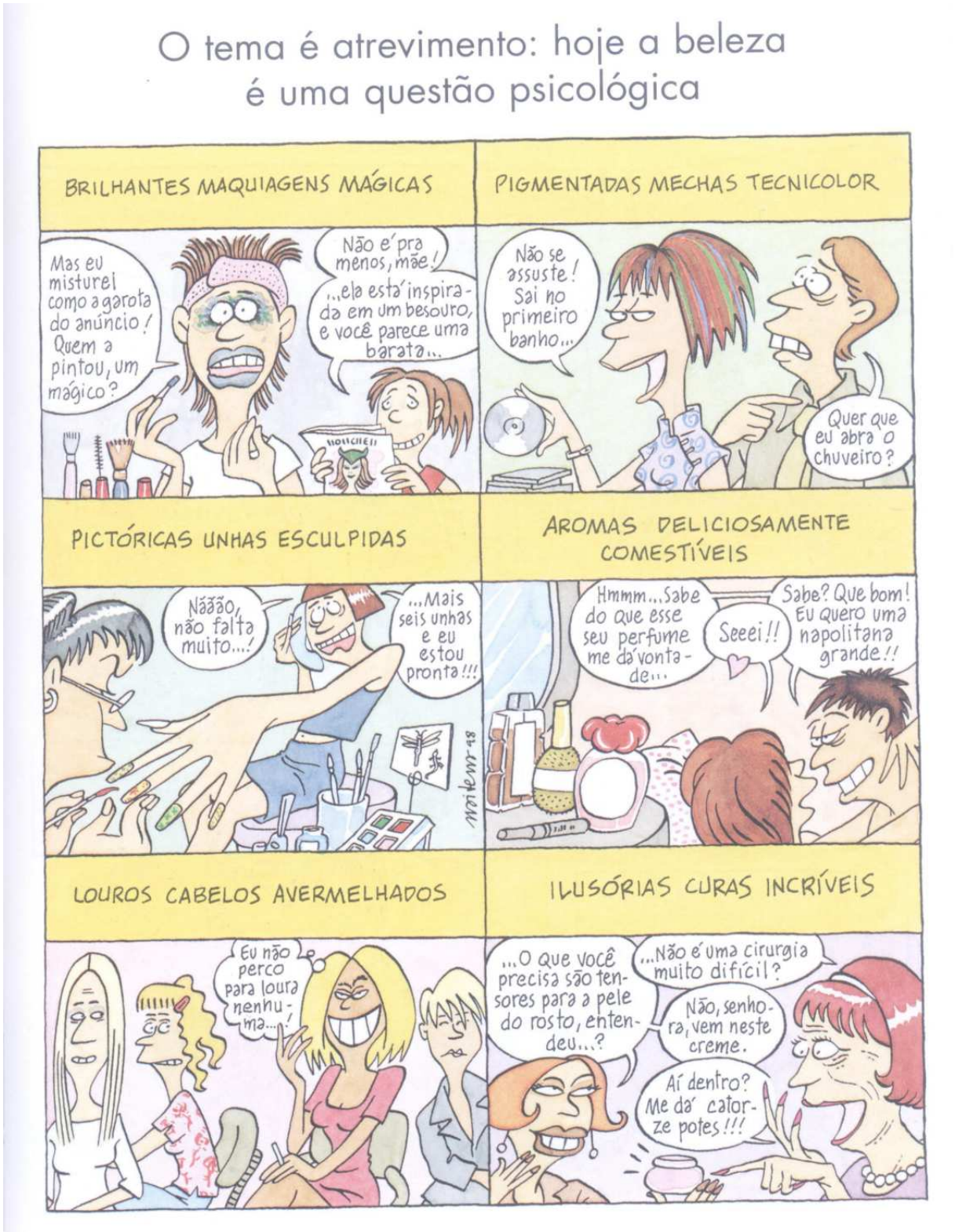

FIGURA 4

ROSA (2003, p.115) coloca que "os discursos que certificam corpos seduzidos e limitados pelo processo de civilização apontam, simplesmente, a submissão do corpo ao progresso e à disciplina, ao mercado e às tecnologias, denotando um estado de passividade".

Nessa perspectiva, entende-se que o corpo, como processo em permanente desenvolvimento, é governado por instâncias que o controlam detalhadamente em todos os seus aspectos, desconsiderando suas "apropriações, inventividades e ambivalências" (ROSA, 2003, p.133).

Percebe-se, assim, nas charges de Maitena, uma forma de "rir do que devíamos chorar" (MAITENA, 2004), afinal, este corpo que construímos é também lugar de múltiplas possibilidades, conflitos e resistências, muitas ainda a serem descobertas, também por nós, professoras.

Dada a pluralidade e a suscetibilidade do corpo, é possível sempre reinventar seus signos e sentidos e, ao apropriar-nos das charges de Maitena como lentes voltadas à reflexão acerca do corpo, este espectro que nos diferencia e nos iguala, nos liberta e nos controla, desvela-se um caminho inusitado para a crítica e a busca de possibilidades pedagógicas nos caminhos da educação.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Sandra. *Mídia impressa e educação de corpos femininos.* In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana V. (org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p.108-123.

BEBIANO, Rui. *A juventude como objecto da Historia.* In: <http://www.aph.pt/opiniao/opiniao_0208.html>

CARRANO, Paulo. *Identidades juvenis e globalização*. In: <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?>

CHMIEL, Silvia. El milagro de la eterna juventud. In: MARGULIS, Mario. (org.). *La juventud es más que una palabra*. 2. ed. Buenos Aires: Biblos, 2000. p.85-101.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. Educação & realidade*. vol. 22, nº 2, jul. – dez. 1997. p. 59-80.

FREYRE, Gilberto. *O homem do futuro.* In: <http://prossiga.bv.fg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos/imprensa/homem_futuro.html>

FOUCAULT. Michel. *Vigiar e Punir*. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do poder.* 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MAITENA. *Mulheres Alteradas 3.* Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *Mulheres Alteradas 4.* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra In: MARGULIS, Mario. (org.). *La juventud es más que una palabra*. 2. ed. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13- 30.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. *A História do corpo e a Nova História: uma autópsia.* In: <www.usp.br/revistausp/n23/artigo5.pdf>

ROSA, Maria Cristina. Corpo e cultura. In: WERNECK, Christianne G. et. all. *Lazer, recreação e educação física.* Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 115-144.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação & realidade*. vol. 25, nº 2, jul. – dez. 2000. p. 49-58.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria cultural e educação*: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TORNERO, José Manuel Pérez Tornero. El ânsia de identidad juvenil y la educación.In: MARGULIS, Mario; LAVERDE, María Cristina. *Viviendo a toda:* jóvenes , territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del hombre, 1998. p.263-277

WOODWARD, K . Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, T T, HALL, S e WOODWARD, K (org). *Identidade e Diferença.* Petrópolis: Vozes, 2000.